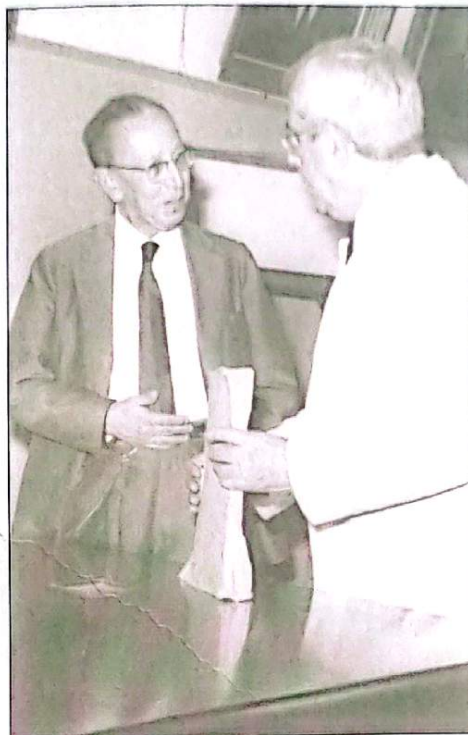


Centenário de nascimento de Anibal Silveira

Guido Arturo Palomba

Há cem anos, mais precisamente, em 17 de março de 1902, nascia em São Roque o grande Anibal Cipriano da Silveira Santos, um dos maiores mestres da Psiquiatria brasileira. Era de Juqueri, da velha guarda, contemporâneo de Antônio Carlos Pacheco e Silva, Átila Vaz, Osório Thaumaturgo Cesar, Mario Yhan, Darcy Uchôa, Francisco Tancredi, Walter Edgard Maffei, Octavio Perez Vellasco. Foram seus admiradores e discípulos Ruy Piazza, João Godinho Leite, José Luiz Attilio Fiore, Stivanin, Walter Speltri, Ruy Benedicto, Paulo Fraletti, José Roberto Bellelli, Alex Landgraf de Carvalho, Terezinha Oliveira Silva, Dario, Luiz Barreto, Rui Camargo, Joaquim Lopes Alho Filho, Hilda Morana, Antonio José Eça, Rubens Zaclis, Alfredo Hansen Terra de Souza, Edu Machado Gomes, Garcia, Francisco Assis de Souza Lima, Odete Lanzarotti, Joacyr Salles Barros, Joy Arruda, Roberto Tomchinski, José Mandelli Júnior, Sérgio Harzov Coura, Biagio Squitino, Névio di Pietro, Collety, Sergio Traldi, Spartaco Vizoto, Isaias Melson, Vicente D'Andretta, Lucia Maria Salvia Coelho, Mario Robortella, Noemio Weniger e tantos e tantos outros que, como nós, admirávamos a sua vasta sabedoria.

Magro, baixo, óculos grossos, muito simpático, tomava o trenzinho, na Estação da Luz, para Juqueri, todas as manhãs, sempre no terceiro vagão, a contar de trás para frente. Os recém forma-



Anibal Cipriano da Silveira Santos foi um dos maiores mestres da psiquiatria brasileira

dos procurávamos sentar perto do grande mestre, para beber a sua sabedoria ... e as discussões acadêmicas, de tão acirradas, quase faziam com que perdêssemos a Estação Franco da Rocha, rumo ao "santuário" da Psiquiatria nacional, com seus treze mil internados!

Anibal Silveira dominava vários idiomas, entre eles o alemão, o que lhe permitiu estudar, nos originais, Karl Kleist, que era psiquiatra e neurocirurgião e montou um mapa correlacionando lesões cerebrais e psicopatolo-

gia. Anibal, estudando esse mapa, sistematizou novas correlações anatomo-clínicas que, completados por outros mapeamentos glianeuronocapilares, mielocitoarquitetônicos e neurofisiológicos, resultaram na obra Silveira-Kleist, essencial para quem quer de fato estudar psiquiatria com seriedade.

Anibal aprendeu, como autodidata, Rorschach e fundou a Sociedade de Rorschach de São Paulo, de grande prestígio internacional. Era um positivista, comteano, portanto, obrigatoriamente, um organodinamista, aliás esse é o timbre inconfundível de todos os que foram da Escola Psiquiátrica de Juqueri, mestres e discípulos. Átila Ferreira Vaz, nosso saudosíssimo mestre, tinha por Anibal Silveira o respeito e a admiração não só pelo sábio mas também pelo homem bom que era. Dizia, e sempre repetia: "Anibal é admirável, dispensa aos pobres e aos menos afortunados a mesma dedicação que dispensa aos ricos".

Quem conviveu com Anibal Silveira pôde sentir a força de sua grandeza, da complexidade de sua sabedoria, da simplicidade estoica de sua maneira de ser e da sua afeição pelos familiares, amigos, alunos e pacientes. Morreu aos 16 de agosto de 1979, de ataque cardíaco, deixando vasta obra para nós e para as gerações que hão de vir.

Guido Arturo Palomba é
diretor cultural da APM

Alfabeto da matemática

É preciso usar método bem diferente para ensinar. Mostrem em poucas palavras os grandes objetos de uma ciência, assinalem alguns exemplos marcantes. Não se orgulhem de ensinar um grande número de coisas. Excitem apenas a curiosidade. Contentem-se em abrir os espíritos.

ANATOLE FRANCE (1844-1924)

Irany Novah Moraes

Tenho escrito sobre a matemática, com a preocupação de enfatizar sua importância no desenvolvimento do raciocínio que cada vez mais é exigido do médico no exercício profissional.

Num rápido preâmbulo, relembro idéias exaradas no artigo publicado neste Suplemento em agosto de 2001 p.6 LINGUAGEM DA MATEMÁTICA EM MEDICINA vou continuar minha apologia ressaltando a necessidade de dar ênfase a modernização do ensino médico para prepará-lo integralmente para este milênio.

Se tal esforço, por si, não der a diretriz necessária, certamente desencadeará reflexões de muitos que pela energia de sua iluminação irá clarear os horizontes daqueles que têm o poder de reformular o ensino e torna-lo moderno, pois sabem que: *o futuro é amanhã; de manhã* (Tofler).

Os procedimentos médicos costumam ser avaliados quantitativamente levando em conta dados numéricos, para estabelecer a hierarquia de valores. Poucas vezes entretanto, os submetem a estudo estatístico para dar o grau de segurança da afirmativa. Esse fato decorre do hábito de se ensinar, quase toda medicina, tendo por base o mais freqüente. Tal fato induz parecer este, ser o "normal". Poucos se dão conta que essa idéia, em princípio, é equivocada, uma vez que se mudarmos o grupo estudado onde outros fatores de variação interferem os

resultados certamente serão diferentes. Nossos colegas de laboratório clínico dão um bom exemplo a ser seguido; seus resultados são acompanhados dos valores de "referência" indicando explicitamente idade, sexo e técnica adotada para o exame. Assim, eles não cometem o erro de dizer "valor normal" confundindo com o mais freqüente naquele grupo.

A realidade porém, é que, de uma forma ou de outra, não se pode prescindir da estatística. Ela é na verdade a chave da compreensão de grande parte dos ensinamentos, mas principalmente para dar o grau de segurança de se estar falando a verdade em tal afirmativa. Tal assertiva é magnitude tão grande que torna inacreditável aceitar como, até hoje, estatística não seja disciplina básica obrigatória nos cursos de graduação em medicina.

Aqui há de se prestar homenagem a Antônio Barros de Ulhôa Cintra que criou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo uma disciplina que além de ministrar a introdução à matéria aos alunos funcionava principalmente como fonte de sabedoria a prestar socorro aos que a procuravam um "planejamento estatístico" para suas teses. Esses privilegiados que a ela recorriam apresentavam sempre pesquisas com evidente cientificidade e com suficientes justificativas das técnicas utilizadas revelando satisfatório domínio da metodologia que haviam adotado.

O responsável por essa Disciplina foi durante cerca de dois lustros, uma personalidade que todos os brasileiros conhecem: médico, zoólogo, estatístico, compositor e cantor. Nesse período ele e sua equipe orientaram cerca de duas centenas de tese. Desejando lembrar alguns daqueles beneficiados pela sua orientação, procurei-o e abrindo um caderno, ato contínuo, leu seus nomes e títulos das teses. Quase todos eu conhecia e, sabia de sua projeção na vida científica, acadêmica ou profissional. Todos tiveram êxito foram pessoas que "deram certo"!



Em minhas reflexões veio uma questão: deram certo porque já eram bons e sentiram necessidade de aprender estatística ou como aprenderam estatística o êxito foi a consequência? Seja qual tenha sido a alternativa verdadeira fica evidente a importância da estatística. Depois de contar o milagre, se o leitor ainda não adivinhou o santo vou relatar algo de pitoresco que testemunhei em seu boêmio estilo de vida.

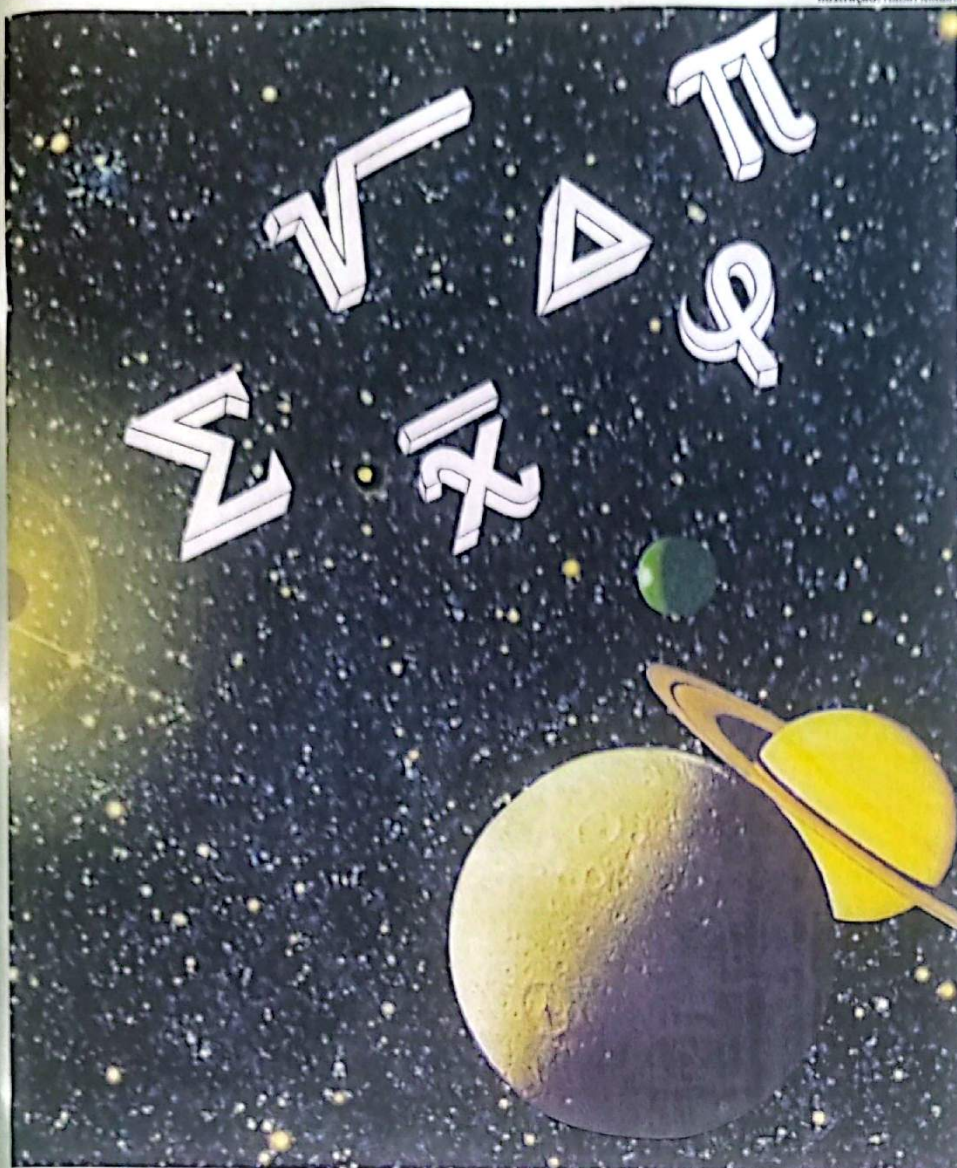
Aparecia no Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e depois de um agradável bate papo na "sala dos médicos" contando suas aventuras na selva cheia de peripécias, encefalite de macacos das florestas e outras muito mais agradáveis no sertão brasileiro orientando e orientador partiam para trabalhar na tese. Terminada a tarefa, já hora avançada continuavam então na boemia da noite paulistana. Uma das madrugadas saíram para a "Ronda"...

Das teses que sei de sua contribuição tenho a dizer que a cientificidade apresentada se deve fundamentalmente à orientação e competência do amigo de longa data Paulo Vanzolini. Tudo que foi dito serviu para lembrar os tempos de Pronto-Socorro de profícua conveniência circulando idéias de espírito elevado e para ressaltar a importância da estatística.

Sou daqueles, que acha equivocado o atual ensino da medicina. O curso ministrado, nada tem a ver com o que o aluno de hoje, médico de amanhã, vai deparar na clínica. Ele deveria estar sendo preparado

em medicina

Ilustração: Natali Menezes



para raciocinar com dados em constante evolução e mesmo com o desconhecimento e para tal nada melhor, do que aprender matemática. Aliás, dizia Galileu Galilei: matemática é o alfabeto com que Deus escreveu o universo.

Entretanto alerta ao jovem médico, que o fato de usar a simples porcentagem para fazer prognóstico deve ser feito com muita habilidade pois o paciente com medo sempre raciocina pensando no pior. O paciente costuma de início "inverter o sinal" e então passa a conjecturar com a diferença correspondente ao mau resultado, ou seja, com a probabili-

dade de malogro do procedimento proposto, enquanto o médico, está pensando no êxito. Para ilustrar essa assertiva, lembro que certa ocasião um de meus pacientes procurou-me pelo fato de que no período em que acompanhava sua esposa para tratamento num hospital americano "aproveitou" a oportunidade e fez uma consulta. O colega americano propôs-lhe uma operação e ato contínuo, explicou-lhe que praticamente não correria risco, pois, a mortalidade daquele procedimento era de apenas um por mil. Agradeceu, pagou a consulta e assim que retornou procurou-me para operar.

Indaguei porque não o fizera lá. A resposta foi pronta: "o médico disse que apenas um em cada mil pacientes morre da operação e não me disse se ele já havia feito novecentos e noventa e nove e que então esta seria a minha vez. Para mim, seria cem por cento, pois eu não morreria só um milésimo!"

Há de se mudar e muito, a maneira de ensinar a medicina. Em primeiro lugar aprimorando a relação médico-paciente; ensinando a ouvir mais seu doente e, sobretudo, saber dar valor a tudo que ele queixa, ao exame físico e ter critério rigoroso para solicitar exames complementares. Mas sobretudo incluir entre as cadeiras básicas também: matemática, estatística, lógica e bioética. Essa reforma será impossível se todo professor não se compenetrar dos preceitos de Anatole France, e *mostrasse as linhas mestras da especialidade, assinalando alguns exemplos marcantes, ao invés de ensinar muita matéria. Deveriam apenas excitar a curiosidade e abrir seus espíritos.* O programa de residência médica deveria enfatizar a postura científica e adequar o seu último ano para ser transformado em *mestrado profissionalizante em medicina*, despertando os pendores para a pesquisa e adotando técnicas pedagógicas e de didática, para facilitar a comunicação com os doentes e seus familiares. Estaremos realmente preparando o médico do futuro quando tudo será muito diferente pois a genética *descobriu o alfabeto que Deus usou para escrever o ser humano.*

Só fica faltando um ponto crucial para que o ensino médico se torne perfeito. Ensinar "bom senso"; tornando todos os médicos dotados da perfeita capacidade da razão para julgar e raciocinar com ponderação, e em cada caso com base na experiência de vida obtida no treinamento tutelado no trabalho que o preparou no programa de Residência Médica e depois no decorrer de sua própria vivência profissional.

O médico assim formado será o propulsor para lançar a medicina no círculo virtuoso da saúde no país.

Irany Novah Moraes é
professor de Medicina

Um símbolo mito

Roberto Godoy

O Mito

Asclépios (Esculápio), filho de Apolo e Coronis, foi iniciado na arte de curar pelo centauro Quíron. Aprendeu-a tão bem que conseguia restabelecer a saúde de todos os que o procuravam, chegando mesmo a ressuscitar mortos. Isto gerou a ira de Hades (Plutão) que pediu providências a Zeus (Júpiter). Asclépios foi então fulminado por um raio¹.

A História

Não se sabe desde quando os gregos cultuam Asclépios como o deus da medicina, mas é fato que muitos templos foram erigidos em seu louvor por toda a Grécia. Em 420 a.C.² foi construído, em Epidauro, um templo que se tornaria o mais importante deles, não só porque, diz uma das lendas, Asclépios nasceu nessa cidade mas também porque foi lá que Hipócrates de Cós (460-377 a.C.) atuou como sacerdote e desenvolveu

seus estudos³. Os doentes iam a esse templo e lá dormiam, esperando a cura para seus males, por um processo que foi comparado ao mesmerismo.

Pausânias descreve a estátua criselefantina desse templo em Epidauro⁴. Nela Asclépios está sentado em um trono tendo em uma de suas mãos um bastão e a outra repousando sobre a cabeça de uma serpente. A seus pés cochila um cachorro.

Outras obras gregas antigas retratam Asclépios com o bastão e uma serpente. Há uma moeda de Epidauro datada do IV século a.C., que se encontra no Staliche Munzsammlung em Munique⁵ (Figura 1); há, também, uma estátua de Asclépios originária de Epidauro, de data incerta, que se encontra no Museu Arqueológico Nacional de Atenas⁶ (Figura 2) e, ainda, uma escultura alto-relevo em mármore datada de 375 a.C., no mesmo museu em Atenas⁵.

Todas as representações de Asclépios contam com uma só serpente que significa prudência, segundo uns¹, ou a capacidade de readquirir a juventude pela troca de pele, segundo outros⁷. Na ico-



Figura 1

nografia, Asclépios é representado com um bastão na mão e uma serpente enrolada sobre este último, sendo considerado o símbolo da profissão médica e da farmácia⁵. Não há como confundir com Hermes (Mercúrio); este sim porta um caduceu com duas serpentes⁸.

Na Grécia, durante o século V a.C., o culto a Asclépios já era seguramente praticado.

Socrática (ou será Platônico)

Laldert Castello Branco

Pudesse
o amor
ter consistência.

Pudesse ser,
essa quintessência,
ao menos
metade substância.

Pudesse ser
como líquido.
E vazar.
Como enchente de rio,
do mais cheio
para o mais vazio.

O Retrato

Hudson Hübner França

Hoje
vi fotografias.
Pensei que as tirara ontem
mas foi ante-ontem.
Como passa o tempo
se a estrada é a lembrança!

Os filhos
com jeito de infância.
Minha mulher
com um penteado de que
não me lembro
e não se usa mais.

A casa é a mesma.
O jardim, porém,
já não tem estas flores
e o pinheirinho,
coitado,
tão desganhado
perto do pau-brasil
de tamanho risível.

Eu inda tinha o cabelo visível.

Curioso fato:
como envelhece o retrato!

lógico e a História



Figura 2

Pérgamo, cidade localizada na Ásia Menor, foi fundada no século IV a.C. por Orantes⁹. O próprio nome da cidade mostra sua origem, significa cidadela. Foi fundada num ponto de encontro fluvial, de forma que um muro tornava muito fácil sua defesa.

Permaneceu como um

mero morro fortificado até 282 a.C. quando Filátero, a quem Lisímaco (um dos sucessores de Alexandre) confiara seu tesouro para guardá-lo nessa fortaleza, apoderou-se dos valores e declarou a independência da cidade¹⁰. Em 263 a.C. Êumenés, sobrinho de Filátero, deu início a uma expansão que tornaria Pérgamo uma das pérolas da época helenista, rivalizando com Alexandria.

Fica evidente que quando os cidadãos de Pérgamo começaram a erigir seus templos, tanto o culto quanto o templo dedicado a Asclépios já eram coisas antigas na Grécia Continental.

A Opinião

Está claro que cada um pode escolher como símbolo da Medicina, ou de qualquer outra atividade, o que melhor lhe aprouver, assim como artistas podem ter concepções próprias. Entretanto, a civilização ocidental inúmeras vezes recorreu aos deuses gregos para procurar seus símbolos e seus patronos e os médicos tem o seu em Asclépios, deus grego da Medicina.

Portanto, caso se aceite Asclépios como símbolo da Medicina não há o que discutir, há uma só serpente.

A escultura com duas cobras encontrada numa coluna do Propileu de Pérgamo (ou qualquer outra obra artística que contenha os dois répteis) nos permite apenas uma das seguintes conclusões: ou nada tinha a ver com a arte de curar ou foi feita por um povo que adotava uma outra simbologia, diferente da grega e a da civilização ocidental na qual nos incluímos (nos incluímos?).

Roberto Godoy é ex-presidente do Conselho Regional de Medicina

Referências

1. Dicionário Básico de Mitologia. M.A. Villela (co-ordenação). Rio de Janeiro, Ediouro, 2000, p. 47.
2. The Blue Guides - Greece. S. Rossiter (m.a.) London, Ernest Benn, 1977, p. 282.
3. O Mundo Grego Antigo. M.C. Amouretti & F. Ruzé. Lisboa, Dom Quixote, 1993, p. 221
4. www.theoi.com/Kronos/Asklepios.html (Pausanias 2.26.1-2.28.1)
5. Dizionario iconografico. I. Chisesi. Milano, RCS Libri, 2000, p. 64.
6. www.culture.gr/2/21/211/21104m/e211dm01.html
7. O Livro de Ouro da Mitologia. T. Bulfinch. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001, p. 350.
8. Dizionario iconografico. I. Chisesi. Milano, RCS Libri, 2000, p. 210.
9. Guide grec antique. P. Faure & M.J. Gaignerot. Paris, Hachette, 1980, p. 184.
10. História da Civilização. W. Durant. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1957, tomo V, p. 296.

Lua apascentadora

Paulo Fraletti

Veio da tarde enegrecida
a chuva esperada...
Deixou sabor de terra molhada
recendendo!

Para minha surpresa:
noite clara
e lua cheia de dezembro!
E, da noite, a paz que almejo!

Sob nuvens esgazeadas
desliza
a lua
- Disco de luz e prata!

Aqui, ali, acolá
nas distâncias infinitas,
Brilhantes de estrelas, de anéis
ofertados às amantes mortas!

O céu longínquo...
As nuvens ali, ao alcance da mão.
Lua fugidia...
Vem da noite a paz que almejo!

Lua de dezembro.
Translúcida.
Lua apascentadora. Minha.
Inatingível. Inconsútil.

Abrigo

Camilo

escuro da noite
encontro romântico
amor forte
nos unia

você era luz
que em mim se refletia
no seu aconchego
meu corpo se aquecia

euforia — alegria
nosso idílio
nada interrompia

por mais que nos procurassem
ninguém nos descobria

dentro do escuro da noite
um no outro
a gente se escondia...

Fauze Metene

Zachia Metne

Só quem recebeu de Deus o dom de Escrever nas almas recebeu do Senhor a maior de todas as graças.

E Fauze Metene foi agraciado com esse prêmio divino.

Que escreveu ele na alma dos que o cercavam?

Escreveu as palavras que o tempo não destruirá: CRER, AMAR E SERVIR, SEM NECESSIDADE DE HASTEAR BANDEIRAS PARTIDÁRIAS.

Esse era o estilo inconfundível do médico Fauze Metene.

Hoje, é um motivo de eterna gratidão de todos que o cercavam, era uma grande personalidade representativa da cultura, sabedoria e Justiça, de valor pro-

fundo e marcante, figura singular de homem brasileiro, apóstolo de Deus para a mais nobre e sagrada missão de médico, que era a de unir os homens, porque, antes de tudo, para unir, é preciso ir ao encontro de todos com as mãos que servem e o coração aberto, assim como o fez o nosso pai, o médico Fauze Metene, que foi um verdadeiro apóstolo da medicina, da medicina humanitária, da medicina social, que, por mais de três décadas, evidenciou através do rádio em São José dos Campos o programa Medicina em seu Lar.

Como médico e Presidente do esporte Clube de sua cidade foi de uma atuação brilhante e valorosa, como secretário da Saúde levou a maior tecnologia no âmbito da saúde pública, como vereador foi imbatível e como superintendente das Unimeds fedrativas foi valorizado pela sua brilhante inteligência, porque acima de tudo respeitava os valores humanos, alicerçando a caridade, justiça a fraternidade e a paz, e se lhe tivesse sido permitido concluir todos os seus pensamentos, teria atingido os limites do inconcebível. Porém, tendo já realizado um programa de medicina humanística e social, Deus o escolheu e o chamou para a glória da eternidade e confiou-lhe mais uma vez o CADUCEU, símbolo sagrado da medicina que representa o poder e a sabedoria, a maior de todas as honrarias. Assim, sua faina não seria ceifada, mas sim, continuaria a medicina na glória celestial, pois foi a sua única e verdadeira paixão, seu apostolado do dia-a-dia.

Fazia da medicina uma supremacia, trabalhando incansavelmente, olhando o futuro da criança e do homem através da fé, da honra, da honestidade, do trabalho, e da palavra, acima de tudo, a medicina era a sua fascinação, a sua única recompensa almejada a serviço da humanidade.

E Deus, em seus desígnios, fê-lo nascer para a eternidade.

Três moças bonitas

Hudson Hübner França

Três moças bonitas
conversam na sala
com um velho
um velho professor

A sala é agradável
a música é Mozart.
Eles conversam,
riem,
eles se entendem
Isto é amor.

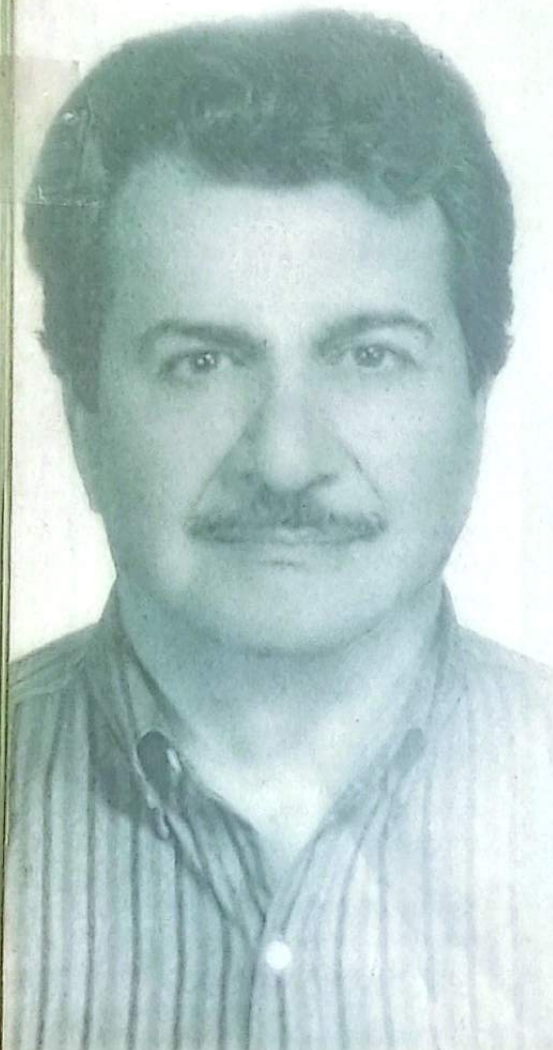
Fios de telefone

Paulo Fraletti

Os fios de telefone
São nervos neurastênicos
de amantes,
Em sofredoras esperas!
Parecem ondular à voz
dos ventos...
Coração pulsando
Entre sôfregas conchas
de ouvidos!

E como as palavras sofrem
No deambular delirante!

Fios – nervos neurastênicos
de amantes!



A madrassa, uma universidade milenar

Duílio Battistoni Filho

Desde os atentados de setembro de 2001, cresceu no mundo inteiro um grande interesse pela cultura árabe por todos os aspectos, que sejam políticos, econômicos ou culturais. Neste pequeno estudo, vamos dar algumas notas sobre as origens da universidade árabe, já que sua cultura influenciou todo Ocidente.

No mundo árabe a escola nasceu com mesquita de Medina, construída no século VII pelo profeta Maomé e seus companheiros. Desde então, e até o século X, todas as mesquitas foram centros onde se instruíam os crentes da nova fé e se imaginava religião. No entanto, devido à progressiva complexidade da estrutura da via social e dos valores e regras que a governavam, a comunidade teve de enfrentar novos problemas.

Um século depois da morte do Profeta, ocorrida em 632, novas formas de ensino tornaram-se necessárias e foram criados círculos de estudo nas mesquitas, nos palácios, nas ruas e praças públicas. Essas transmissões do saber não se limitavam ao ensino do Corão, mas incluía literatura, poesia gramática, etc.

Na Praça do Mirbad, em Bagdá, reuniram-se círculos de gramáticos, estudantes e curiosos; dentro de uma mesma mesquita eram ministrados cursos de jurisprudência, poesia gramática e outros.

Esses cursos e círculos constituíram uma espécie de **universidade livre**, pois os mestres ensinavam o que sabiam sem qualquer restrição ou obrigação, e os estudantes podiam escolher livremente os cursos, debates e círculos que desejavam seguir.

Essa liberdade de ensino e aprendizagem revela uma profunda coesão

cultural e social. A transmissão de idéias através de homens e de livros, assim como a contribuição de diversas culturas que se vinham fundir no mesmo crisol, permitiam à cultura árabe conhecer um desenvolvimento um florescimento sem precedentes, em todas as esferas do saber.

Durante o reinado das califas abássidas (do ano 750 até fins do século XIII), o ensino religioso tornou-se disciplina independente; alguns mestres ocupavam-se do Corão, do **hadith** (tradições do profeta) e da jurisprudência, enquanto outros estudavam a língua, a literatura e a história. Nesse período, os círculos de estudos multiplicaram-se e aprimoraram-se, formando núcleos do que viria ser a **madrassa** (colégio), destinada aos adultos que já haviam recebido o ensino primário em escolas particulares ou em mesquitas.

A partir do século X, a **madrassa** surge como instituição independente e distinta da mesquita, embora sua criação, pelo menos no início, estivesse reservada a um jurista ou ao ensino de acordo com uma escola jurídica específica.

Em pouco tempo esses estabelecimentos passaram a ser controlados pelo poder público e a obedecer a seu **planejamento**. O grau de controle e o conteúdo do planejamento foram de certa forma impostos pela própria natureza dos conflitos surgidos entre a dinastia dos fatimitas e os califas abássidas.

Os fatimitas dominavam o Egito e a Síria desde 969 e tentavam tomar o poder do califa abássida de Bagdá, que governava graças à força dos selêucidas e dominava, desde 1055, e toda a parte oriental do mundo mulçumano.

Paralelamente à luta pelo poder, desenrolava-se uma luta religiosa,

fato freqüente no islã, onde os campos religiosos, políticos e temporal encontram-se tantas vezes intrinsecamente unidos.

Os faatimistas difundiram-se sua doutrina, o chilismo, graças a uma intensa propaganda efetuada principalmente nas mesquitas das regiões que não dominavam. Os selêucidas tentavam opor-se à infiltração dos mensageiros do chilismo formados na universidade de al-azhar, no Cairo, que era época o centro de ensino dessa doutrina.

Nizam al-mulk (1018-1092), grão-vizir dos abássidas, expressou sua reação elaborando uma política pedagógica cujo objetivo, a longo prazo, era conter e depois destruir o avanço fatimista. A primeira aplicação prática dessa política foi a criação da **madrassa al-nizamiya** (nome derivado de Nizam al-mulk), a primeira **universidade** do mundo árabe fundada pelos poderes públicos, era controlada, financiada e administrada por eles. Erguida em Bagdá, centro político e intelectual do califato, a Nizamiya representava na verdade muito mais do que a primeira universidade pública. Desde a sua inauguração oficial, em 1065 sob o patrocínio do próprio califa, a Nizamiya seria durante dois séculos, o modelo de todas as **madrassas** do mundo mulçumano.

Modelo, em primeiro lugar, por sua organização. Sua condição de estabelecimento público consta explicitamente da ata de fundação firmada por Nizam al-Mulk, diretor do estabelecimento. Sua administração era controlada pelo próprio vizir ou por seu representante. Cada estudante recebia, para todo o período de seus estudos (de 4 a 6 anos), uma bolsa que assegurava suas necessidades de alimentação e moradia. A **madrassa** dispunha de vários alojamentos para professores e alunos, e sua biblioteca recebia doativo e legados.

Modelo em segundo lugar, pela forma de contratação do pessoal docente. Os professores eram designados pelo diretor de Nizamiya, ou por seu representante, de acordo com certos

continuação da página 7...

critérios, dos quais o mais importante era pertencer à escola chafiita. Eram pagos por um orçamento especial, espécie de fundação inalienável.

Modelo, finalmente, pelo ensino que fornecia. Embora os métodos de ensino dependessem de cada professor (escolhidos entre os grandes sábios e educadores da época), o conteúdo da educação tinha um objetivo puramente religioso: capacitar os estudantes a defenderem os princípios do chafismo ante a propaganda fatimida e chiita.

A **madrassa** era pois, um estabelecimento de ensino de nível superior. Não ensinava apenas disciplinas religiosas (ciências corânicas, jurisprudência, etc) mas também a língua árabe, a literatura, a poesia, a aritmética... Só podiam ser admitidos estudantes que já tivessem terminado os cursos das escolas ou círculos das mesquitas.

Dois séculos após a sua criação, o esplendor da **nizamlya** foi eclipsado pelo de outra **madrassa**, a **Mustansi-riya** (1227), cujo nome deriva do seu criador, o califa al-Mustansir, que queria fazer da nova **madrassa** um centro intelectual capaz de reviver as glórias culturais da época áurea dos califas al-Mamun e Harun al-Rashid. Essa escola também deveria ser o centro do renascimento da cultura árabe.

Diversamente da **Nizamiya**, a **Mustansi-riya** não se dedicava ao ensino de uma única escola jurídica, mas das quatro que existiam no Islã ortodoxo. Esta abertura intelectual se refletia na arquitetura da **madrassa**, que apresentava quatro pórticos, um para cada escola.

Além das ciências religiosas, ensinavam-se muitas outras matérias; matemática, medicina, farmácia, geometria, etc. A **Mustansi-riya** também se diferenciava da **Nizamiya** pelo fato de ter apenas 308 alunos: 62 em cada escola de jurisprudência, 10 no estudo do corão, 10 no hadith, 10 em medicina, e assim por diante.

Trinta anos depois de sua fundação, **Mustansi-riya** foi destruída pelo mongol, que tornaram e arrasaram Bagdá em 1258. Os livros da **madrassa** foram atirados ao rio e os professores afogados. Após o assalto, os conquistadores, mais tarde, reconstruíram a **madrassa**, que continuou a desenvolver suas atividades até a chegada dos turcos otomanos, que converteram em pousada para as caravanas.

A Terceira grande **madrassa**, **al-azhar** do Cairo, continuou sendo, até a queda dos fatimitas, o santuário do chiismo e o centro da informação de seus prosélitos. Quando a dinastia **ayubita** chegou ao Egito (1171), **al-Azhar** perdeu sua influência, que só veio a recuperar alguns anos como

centro de ensino do sunismo, ou seja, da ortodoxia muçulmana. **Al-azhar** seguiu a orientação das outras duas grandes **madrassas**, e até o século XIII as três serviram à mesma causa.

Mas enquanto **al-azhar** continuou a se desenvolver e a exercer influência em todo mundo islâmico, as duas outras **madrassas**, esgotadas pelos danos causados pelos mongóis e divididas pela ambição dos vários príncipes que reinaram na região, acabaram por entrar em declínio e desaparecer. Já **al-azhar** e ainda hoje, depois da sua fundação em 1970, a maior universidade religiosa do mundo árabe.

As três grandes universidades do mundo muçulmano entre os séculos XI e XIII **Al-Nizamiya**, **Al-Mustansi-riya** e **Al-Azhar** – serviram de modelo e outras instituições criadas em diferentes cidades do mundo árabe: a **Zahiriya** de damasco, a **Nasiriya** do Cairo, a celebre **zaituna** de Túnis e não menos celebre **Qarawiyyin** de fez em Marrocos.

Durante quatro séculos essas **madrassas** desempenharam importante papel não só no plano político e religioso – que determinou sua criação – mas também na expansão e no aprofundamento da cultura árabe – muçulmana.

Duílio Battistoni Filho é membro da Academia Paulista de História

Prescrição

Paulo Fraletti

De febre ao exame físico,
Da tosse à radiografia
(Frio anteparo no peito),
A caverna de permeio
A expelir lavas de escarro.

— Deixe o fumo, deixe o álcool,
Deixe o sereno e as mulheres
Que agora o mal te pegou!
Deixe tudo, se quiseres
Ter vida longa, saudável!

— O fumo, Doutor, eu deixo.
Largo também, da bebida:
Vinho, cachaça e cerveja.
Dormir cedo? Farei força!
Mas como ter energia
Para deixar meus amores?!

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba
Diretor Adjunto:
Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:
Duílio Crispim Farina (presidente);
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira
Yvonne Capuano

Cinemateca:
Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:
Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina:
Jorge Michalany

Coordenação Musical:
Dartiu Xavier da Silveira